

## DRAMATURGIA, SIGNIFICAÇÃO E SUBJETIVIDADE

Reunindo colaborações diversas, advindas de instituições do Brasil e de Portugal, esta nossa edição se divide em duas seções. A primeira delas, denominada Diálogos e Fronteiras, além de tratar da interface entre linguagens estéticas e manifestações artísticas distintas, faz perceber a presença deste fenômeno também no encontro do artista cênico com o emancipado espectador contemporâneo. É o que se pode chamar estética do encontro ou estética relacional, temas cada vez mais abordados e discutidos no âmbito das artes em tempos recentes. Neste sentido, a palhaçaria no contexto hospitalar constitui a colaboração de Daiani Cezimbra Severo Rossini Brum, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que reflete sobre o necessário encontro a se estabelecer justamente num espaço de passagem, que é o hospital, onde o espectador está internado e ali se encontra a espera do que virá.

Ana Lúcia Trindade e Patrícia Kayser Vargas Mangan, da Universidade La Salle (UNILASALLE), discutem sobre instrumentos legais de atuação para um profissional da Dança no Brasil, em dias atuais. Sabe-se que, no mercado de trabalho, mais do que a criação e a prática constante do exercício estético, o artista se vê forçado a um trâmite legislativo e burocrático, alternando entre as ações de criação e empresa. É que fundamenta e dá o tom a uma reflexão mais do que necessária, elevada aqui a um porte de tons acadêmico.

Os dois artigos seguintes partem de manifestações que se tornaram grandes eventos, a fim de analisar a sua incidência no imaginário popular. Um deles aborda a figura do índio que aparece nas alegorias dos Bumbás de Parintins, na região amazônica, cuja base é justamente um ritual indígena. A reflexão é de autoria de Ericky da Silva Nakanome e Adan Renê Pereira da Silva, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que de maneira perspicaz percebem uma visão romantizada do índio ali exposta. Já o texto de Larissa de Oliveira Neves, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tomando por base o desfile de escolas de samba, refere-se a uma obra teatral de Dias Gomes e Ferreira Gullar, intitulada *Vargas*, tida como tema para o desfile de uma das agremiações concorrentes. Ambas reflexões trazem à tona o

uso da espetacularização como instrumento para incidência no imaginário, seja pela elaboração de uma figura tirada da realidade étnica de uma região, como ocorre nos bambás de Parintins, seja como base inspiradora, que é o caso do enredo e desfile de uma escola de samba cuja referência é uma peça teatral que, embora de cunho ficcional, trata de uma figura real e bastante presente na história do país. Em suma, o espetáculo está presente em tais feitos, sendo que ambos se constituem como competições festivas.

Finalizando a primeira seção, Alexandre Freire da Silva Osorio, da Faculdade Santa Marcelina, reflete a respeito do corpo de um cantor que dança durante a execução do canto. Trata-se de um olhar sobre o corpo em atuação, expressando-se em passos de dança em conjunto com a emissão melodiosa da voz.

Mesmo com a mudança de seção, a zona de fronteira parece ainda reger os dois primeiros textos que se apresentam na segunda parte desta edição, em especial no exercício e conceituação de termos. A seção 2 intitula-se Epistemologia da Cena, em que a colaboração de Alex Beigui, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), põe em discussão o entendimento para o termo plágio inventivo no âmbito das artes da cena, em que cabe o enfoque para a originalidade considerada a partir do ato de representação e performance, mesmo em se tratando de algo já criado e apresentado anteriormente. Por outro lado, a performance protagoniza o texto de Diego de Medeiros Pereira e Mateus Junior Fazzioni, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Em estudo de caso, os autores percebem na brincadeira um ato performativo situado no limiar da subjetividade infantil. Os dois textos nos convidam a ultrapassar certezas, com abordagem de experimentos cênicos efetivos.

A colaboração de Elen de Medeiros, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pontua o uso da memória na constituição de obras de três dramaturgos brasileiros: Nelson Rodrigues, Carlos Alberto Soffredini e Luís Alberto de Abreu. Para a autora, um processo de reconstrução fabular imbuída na moderna noção de tragicidade se impõe nas obras analisadas, aproximando tais dramaturgos. A reflexão pondera que o usufruto que esses autores fazem de um “processo memorialístico fragmentado” da narrativa representa um moderno aspecto do ser humano. De fato, a se considerar.

Os signos em cena, este é o tema que protagoniza os dois últimos artigos: um tratando da formação de espectadores e outro analisando o trabalho de dois grandes criadores do século XX. A partir de referências maiúsculas, Itamar Wagner Schiavo Simões, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), vê a indústria cultural como fonte de sustentação para o que o que se queira efetivamente alcançar com uma obra cênica. Para a formação de espectadores, a percepção uma vez mais se coloca como ponto fundamental: é o que pode garantir a permanência do teatro como algo necessário. Há muito nossa percepção está calcada na multiplicidade sígnica, mas hoje ela se altera e se redimensiona a cada dia, se não a cada momento. Neste âmbito, o teatro na escola parece mostrar-se como estratégia maior.

O uso de um mesmo elemento em obras de Pina Bausch e Eugênio Barba é o tema da reflexão de Bruno Leal Piva, da Universidade Nova de Lisboa. O autor percebe na subjetividade e nas experiências pessoais dos artistas envolvidos, dançarinos-atores e atores-dançarino, como elemento crucial na constituição de uma narrativa e consequente composição dramaturgica dos espetáculos. Uma parte do título deste último artigo nos leva a pensar em outras reflexões trazidas por esta edição. “Dramaturgia plural de subjetivação” sugere processo memorialístico, que faz lembrar subjetividade infantil ou imaginário alegórico, temas presentes em artigos anteriores.

A manutenção de um lugar para se pensar o fazer artístico, tendo como consequência novas realizações. É isto que nos estimula a permanecer, acreditando mais e mais na força que isto tem, na importância da criação, na necessidade das artes vivas e da reflexão sobre elas. É o que faz permanecer o desejo de continuar. Até a próxima!

*José Tonezzi*

*Editoria*